

O MÉTODO FENOMENOGRÁFICO EM PESQUISAS QUALITATIVAS

Adriana Luvizotto Vieira¹, Hilka Pelizza Vier Machado²

¹Mestranda do Programa de Gestão do Conhecimento nas Organizações, Campus Maringá/PR, Universidade Cesumar – UNICESUMAR – Bolsista CAPES. adriana.lvieira@outlook.com

²Orientadora, Doutora, Professora permanente no Programa de Gestão do Conhecimento nas Organizações, Campus Maringá/PR, Universidade Cesumar – UNICESUMAR. Pesquisadora do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação - ICETI. hilka.machado@docentes.unicesumar.edu.br

RESUMO

Um estudo fenomenográfico elucidou as diferentes formas de pensamentos por meio dos quais as pessoas vivenciam aspectos da vida real. Ainda são escassos estudos no contexto nacional que utilizam a fenomenografia como método condutor de suas pesquisas. Este artigo tem como objetivo discutir o método fenomenográfico como um recurso metodológico, apontando conceitos, principais elementos, operacionalização e potencialidades do método. Para isso, foi realizado um ensaio teórico, pautado em uma pesquisa bibliográfica, voltado à exploração do potencial da fenomenografia em pesquisas qualitativas. As evidências deste estudo indicam que ainda existem desafios para os pesquisadores, principalmente quanto à operacionalização do método, entretanto há relevância do seu uso em pesquisas qualitativas.

PALAVRAS-CHAVE: Fenomenografia; Método Fenomenográfico; Estudos Fenomenográficos.

1 INTRODUÇÃO

A fenomenografia foi desenvolvida por um grupo de pesquisadores da área da educação, na década de 70, entre eles, Ference Marton, da Universidade de Gotemburgo na Suécia (PANG, 2003; SANTOS *et al.*, 2018), porém foi após um estudo publicado por Marton (1981), que o termo fenomenografia ficou conhecido (AMARO; BRUNSTEIN, 2014). Posteriormente a fenomenografia foi introduzida no meio organizacional por Sandberg (AMARO; BRUNSTEIN, 2013), que explorou o método no estudo das competências. As raízes dos métodos de pesquisa fenomenográfica podem ter surgido em estudos de aprendizagem, porém os métodos podem ser, e são, empregados a uma diversidade de questões, dentro e fora do campo da educação (BOWDEN, 2000).

Na pesquisa qualitativa, a fenomenografia emprega uma abordagem teórica e metodológica, é reconhecida como não positivista e conceituada como um estudo que aborda a subjetividade a partir das experiências (INGLAT; VILLARDI, 2018) e visa capturar as diversas concepções das pessoas relativamente a um fenômeno, ou seja, modos qualitativamente diferentes de vivenciar e entender a vivência de experiências (CHERMAN; ROCHA-PINTO, 2016; MARTON, 1981; SANDBERG, 2000).

Nesse sentido, um estudo fenomenográfico tende a desmistificar as diferentes formas de pensamentos por meio das quais as pessoas vivenciam aspectos da vida real no contexto social e que são muitas vezes compartilhados por indivíduos (MARTON, 1981). Portanto, a fenomenografia visa descrever, analisar e compreender circunstâncias experimentadas pelas pessoas por uma perspectiva de segunda ordem, ou seja, a interpretação do pesquisador em torno das experiências das pessoas em referência a entendimentos sociais (MARTON, 1981; CHERMAN; ROCHA-PINTO, 2016).

No Brasil, o método fenomenográfico ainda é pouco utilizado (AMARO, 2020; AMARO; BRUNSTEIN, 2012; 2013; 2014; CHERMAN; ROCHA-PINTO, 2016; SANTOS *et al.*, 2018; TREVIA *et al.*, 2018). Para Cherman e Rocha-Pinto (2016), essa escassez se dá pelo fato de que a existência e a aplicabilidade do método são ainda pouco conhecidas entre pesquisadores. Além disso, Santos *et al.* (2018) comentam o fato da fenomenografia ser ainda pouco explorada como estratégia de pesquisa, o que evidencia a necessidade de estimular o seu uso.

Nesse sentido, este estudo tem como objetivo discutir o método fenomenográfico enquanto um recurso metodológico, apontando conceitos, principais elementos, operacionalização e potencialidades do método.

Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014), para busca de conceitos que permitam a exploração do potencial da fenomenografia em pesquisas qualitativas, tendo como norteador o estudo realizado por Santos *et al.* (2018).

Este artigo está dividido em cinco tópicos. O próximo tópico está dividido em três partes, inicialmente apresenta abordagem sobre fenomenografia, em seguida seus conceitos e uso em pesquisas qualitativas e põe fim a operacionalidade do método. Na sequência são apresentados os procedimentos metodológicos. Posteriormente encontra-se o tópico relativo aos desafios e potencialidades do método e finalmente encerra-se com as considerações finais.

2 ABORDAGEM DA FENOMENOGRAFIA

A fenomenografia foi desenvolvida por um grupo de pesquisadores da área da educação, da Universidade de Gotemburgo na Suécia, na década de 70, formado por Ference Marton, Roger Säljö, Lars-Öwe Dahlgren e Lennart Svensson (AMARO; BRUNSTEIN, 2014). Na sequência desse estudo vieram outros, que fomentaram um tipo de investigação que recebeu o nome de fenomenografia em 1979, porém foi em um estudo publicado por Marton (1981) que o termo foi apresentado pela primeira vez, tornando-se mais conhecido entre pesquisadores (AMARO; BRUNSTEIN, 2014). Para Marton, o método da fenomenografia procura compreender qualquer coisa que seja dita sobre como a forma com que um indivíduo aprende (percepção), dá sentido (significa os pensamentos) e experiencia (age em relação ao fenômeno) um aspecto particular da sua vivência em relação a um fenômeno integral (MARTON, 1981).

Após duas décadas, pesquisas fenomenográficas tiveram início no ambiente organizacional por meio de Jörgen Sandberg, que desenvolveu estudos sobre competências usando a fenomenografia como direcionador (AMARO; BRUNSTEIN, 2014). Conforme Sandberg (2000), a fenomenografia funda-se no que é aprendido no contexto cultural e como o indivíduo se desenvolve a partir da relação com o mundo a sua volta. O trinômio percepção-pensamento-ação é denominado como concepção, ou seja, demonstra as diferentes formas como as pessoas experenciam e sentem o seu mundo (SANDBERG, 2000).

Para Bowden (2000) os métodos de pesquisa fenomenográfica de coleta de dados e análise podem ser usados para o estudo de variadas questões, que vão desde abordagens de aprendizagem, abordagens para o ensino, compreensão dos fenômenos científicos aprendidos na escola, como também para a compreensão de questões gerais da sociedade não relacionadas ao contexto educacional.

2.1 CONCEITO DE FENOMENOGRAFIA E SEU USO EM PESQUISAS QUALITATIVAS

Diferente da fenomenologia, Marton (1981) defende que a fenomenografia é orientada para a substância, ou seja, enquanto a primeira busca entender a estrutura e o significado do fenômeno, a segunda propõe sistematizar as formas de pensamento em relação a como as pessoas interpretam aspectos da realidade. A fenomenografia remete a qualquer coisa que retrate como o indivíduo percebe, conceitue e experimente o fenômeno de forma detalhada, enquanto os demais métodos qualitativos procuram saber tudo sobre determinados aspectos do fenômeno (MARTON, 1981). Segundo Pang (2003) a fenomenografia se propõe a evidenciar as diferentes formas como as pessoas experenciam

o mesmo fenômeno, no mesmo contexto, ou seja, a interpelação da fenomenografia, como uma abordagem qualitativa e interpretativa, visa alcançar a experiência e interações no seu contexto natural (Trevia *et al.*, 2020).

A fenomenografia se identifica como um subconjunto da fenomenologia, porém, com abordagens diferentes relacionadas aos objetivos e métodos, logo implica em diferentes resultados (SANTOS *et al.*, 2018).

Nesse sentido, a fenomenografia objetiva descrever, analisar e ter uma compreensão profunda por meio de uma perspectiva de segunda ordem, pela qual o pesquisador procura ter um entendimento das experiências das pessoas, ou seja, a experiência de outrem (MARTON, 1981; CHERMAN; ROCHA-PINTO, 2016; INGLAT; VILLARDI, 2018). Com isso, o objetivo da fenomenografia é identificar a variação das percepções. Isso implica que o pesquisador precisa ter entendimento da anatomia da consciência coletiva (TREVIA *et al.*, 2018). Para Rocha-Pinto e Snaiderman (2011), o objetivo do pesquisador não deve ser de encontrar diferentes significados, mas sim uma relação lógica entre os variados significados, para dessa forma gerar um senso coletivo e holístico.

Por conseguinte, a fenomenografia, está direcionada para a relação entre o sujeito e a sua experiência com o fenômeno, e o pesquisador é um observador desta relação, entre o sujeito e sua percepção de mundo (CHERMAN; ROCHA-PINTO, 2016). Para Amaro e Brunstein (2014), a fenomenografia adota uma ontologia relacional, onde o sujeito e a atividade são considerados uma única unidade de análise, o foco é a relação entre os sujeitos e o fenômeno, a experiência do fenômeno passa a ser priorizada. Dessa forma, a experiência passa a ser relacional, ou seja, independente da pessoa, ela não é puramente objetiva, como independente do mundo, não é puramente subjetiva. Assim independente da interpretação do indivíduo, não há uma abordagem positivista/objetiva, tão pouco uma abordagem subjetivista, direcionada para as construções internas do indivíduo (AMARO; BRUNSTEIN, 2014).

Trevia *et al.* (2018) ressaltam que nos últimos anos a fenomenografia vem se concebendo como uma possibilidade de abordagem de pesquisa para os estudos de práticas organizacionais, visto que objetiva demonstrar como o fenômeno é experienciado pelas pessoas, o que no contexto organizacional pode contribuir para além de explicar questões, criar possibilidade de desenvolver teorias a partir da prática.

Nesse sentido, em um estudo posterior realizado no campo da Governança Corporativa Trevia *et al.* (2020), destacam que a fenomenografia oportuniza uma abordagem qualitativa e interpretativa destinada a entender a prática a partir das compreensões que as pessoas têm dos fenômenos organizacionais vivenciados por elas e não a partir da observação e interpretação do pesquisador, assim esses autores indicam que na pesquisa fenomenográfica não são aplicados modelos teóricos pré-definidos, permitindo assim que essa abordagem possa desenvolver novas teorias. A vista disso, o método torna possível criar proposições por meio de uma acareação dos resultados da pesquisa com as teorias existentes, sendo que isso irá favorecer o desenvolvimento da teoria da área e da prática organizacional (TREVIA *et al.*, 2020).

2.2 OPERACIONALIDADE DO MÉTODO

Como toda pesquisa, um estudo fenomenográfico precisa ter um método coerente, ser bem planejado e gerenciado desde o início ao fim. Deve ter uma intenção clara, ou seja, um objetivo definido que sirva como direcionador das ações que irão conduzir o estudo (BOWDEN; 2000). O objeto de estudo na pesquisa fenomenográfica não é o fenômeno sendo discutido em si, mas sim a relação entre os sujeitos e esse fenômeno, portanto o

foco do pesquisador deve ser a relação entre os sujeitos e o fenômeno em estudo (BOWDEN; GREEN, 2005).

De acordo com Inglat e Villardi (2018), relativamente à operacionalização da fenomenografia como método, são observadas duas correntes de pensamento: a fenomenografia pura de Marton (1981) e a fenomenografia do desenvolvimento, concebida por Bowden (GREEN, 2005; BOWDEN, 2000). As duas correntes se diferenciam na execução dos procedimentos de pesquisa, entretanto com o mesmo propósito, sendo que ambas demonstram insistente preocupação com a pesquisa teórica como apoio na realidade prática por meio de vivências (CHERMAN; ROCHA-PINTO, 2016). Todavia no tocante aos meios de realização, especificamente na coleta e análise de dados, nota-se que a fenomenografia do desenvolvimento propõe maior rigidez, mantendo a constante preocupação com os procedimentos no sentido de evitar a contaminação da entrevista, sendo esta a única forma de coleta de dados, e por meio de questionamento assegurando a confiabilidade e a validade das categorias resultantes da análise dos dados. Já a fenomenografia pura se mostra mais flexível, possibilitando o uso de outras fontes de coleta de dados como relatos escritos e documentos relativos ao fenômeno, além da abertura para entrevistas em grupo e observação direta, contudo mantendo o rigor necessário para garantir a confiabilidade na interpretação dos dados (CHERMAN; ROCHA-PINTO, 2016; INGLAT; VILLARDI, 2018).

De modo sucinto, o método parte da seleção dos sujeitos, da coleta e da análise dos dados (INGLAT; VILLARDI, 2018). Relativamente à seleção dos sujeitos Bowden (2005) sugere um número entre 20 e 30 participantes, os quais podem ser selecionados aleatoriamente, ou seja, uma amostra não tão ampla, porém intencional, que traga variação relativa a indicadores tais como idade, gênero, formação, experiência profissional e assim por diante, aspecto este que diferencia a fenomenografia de outros métodos qualitativos.

Para Cherman e Rocha-Pinto (2016), uma vez que todas as entrevistas são tratadas de forma simultânea, essa quantidade é considerada suficiente para permitir ao pesquisador um bom manejo dos dados e a variação nos diferentes modos de ver o fenômeno, visto que a fenomenografia se diferencia relativamente de outros estudos qualitativos que tem como premissa a saturação teórica dos dados.

A coleta de dados em uma pesquisa fenomenográfica é predominante por meio de entrevista individual, semiestruturada e em profundidade (INGLAT; VILLARDI, 2018), cujo objetivo principal é transparecer as experiências relatadas pelos entrevistados quanto ao fenômeno que está sendo estudado. O roteiro para orientação da entrevista deve ser construído de forma a delimitar o tema ao qual a conversa deve se ater e pode ser reduzido com poucas questões principais (CHERMAN; ROCHA-PINTO, 2016). Perguntas complementares podem ser introduzidas durante a entrevista, no sentido de aprofundar o entendimento, como exemplo “o quê?” “como?”, com a finalidade de capturar o que é e como é concebido o fenômeno; e, “por quê?” para entender a percepção e o pensamento/teorização por trás da ação (AMARO; BRUNSTEIN, 2014; AMARO, 2020; BOWDEN, 2005; CHERMAN; ROCHA-PINTO, 2016; TREVIA *et al.*, 2018).

Trevia *et al.* (2018) salientam que as perguntas devem incentivar que o entrevistado possa refletir sobre os significados, discriminar o fenômeno e chegar a um estado de meta-conscientização. Para uma melhor condução dessa fase, enfatiza-se a importância da entrevista piloto, que tem como objetivo aprimorar a técnica do entrevistador na modalidade de entrevista e, ainda no início do processo, poder avaliar o quanto o roteiro construído possibilita explorar, de fato, a experiência do indivíduo quanto ao fenômeno em estudo (AMARO; BRUNSTEIN, 2014; BOWDEN, 2000; INGLAT; VILLARDI, 2018).

Para Bowden (2005), durante a entrevista fenomenográfica, é imprescindível que o pesquisador consiga manter uma conversa demonstrando interesse ao entrevistado, devendo evitar introduzir novos temas que possam se distanciar do fenômeno em estudo.

É necessário, ainda, conter qualquer julgamento positivo ou negativo que induza o entrevistado a qualquer viés em suas respostas.

A análise de dados é entendida como a construção de categorias de descrição, isso significa mapear as concepções que os sujeitos de pesquisa apresentam sobre o fenômeno (AMARO, 2020; BOWDEN; GREEN, 2005). “A relação do pesquisador com o fenômeno e a influência dessa relação, precisa ser minimizada na fase da análise dos dados” (BOWDEN; GREEN, 2005, p. 15).

Em uma perspectiva de segunda ordem, as diferentes formas de experienciar um fenômeno devem ser tidas como concepções e expostas em formato de categorias de descrição. Essas categorias são organizadas em uma hierarquia, partindo da mais superficial à mais profunda, sendo esse processo chamado de espaço de resultados (AMARO, 2020). Um espaço de resultado pode ser entendido como o conjunto de concepções que determina como um fenômeno pode ser experienciado por um grupo de indivíduos, esse espaço possibilita certa relação lógica entre as concepções (AMARO; BRUNSTEIN, 2014). O espaço de resultado pode ser representado por meio de um quadro ou matriz que demonstre a estrutura da relação entre as concepções identificadas a respeito do fenômeno e as dimensões do entendimento que caracterizam e diferenciam essas concepções (TREVIA *et al.*, 2018). Dessa forma, “o Espaço de Resultado na fenomenografia surge, então, como uma contribuição teórica que se dará pela discussão dos achados vis-à-vis às teorias mais diversas e apropriadas a cada caso” (TREVIA *et al.*, 2020, p. 260).

Essa correspondência entre as categorias de descrição demonstrada por meio de diferentes formas de vivenciar o mesmo fenômeno demonstra as diferentes capacidades do indivíduo para lidar com esse fenômeno. Assim como algumas formas de lidar com o fenômeno podem se apresentar de forma mais eficiente ou não, relativamente a algum critério estabelecido, é possível determinar a hierarquia entre as categorias de descrição (MARTON, 1981). Logo, para Pang (2003, p. 154), as formas qualitativamente diferentes pelas quais as pessoas enxergam o mundo e as maneiras pelas quais elas vivenciam vários fenômenos e situações ao seu redor, são identificados como o objeto da pesquisa, em que as categorias de descrições e o espaço de resultados são instrumentais na caracterização de como as pessoas vivenciam a realidade.

Portanto, a fenomenografia busca identificar a relação existente entre os significados expressos por meio das categorias, construindo uma distribuição “dependente” e hierárquica entre elas, enquanto os demais métodos qualitativos, tendem a construir categorias isoladas, classificatórias e “independentes” entre si, ou seja, a fenomenografia propõe mapear e não catalogar o fenômeno (CHERMAN; ROCHA-PINTO, 2016).

Para Trevia *et al.* (2018), o posicionamento do pesquisador é uma premissa fundamental para a confiabilidade no processo de análise, dessa forma se faz necessário estar familiarizado com os dados e evitar qualquer julgamento prévio sobre o assunto, assegurando que o significado virá a partir das entrevistas do campo, sem que haja interferência do pesquisador. Assim, na fase da familiarização Lamb *et al.* (2011) sugerem que as transcrições de cada entrevista sejam lidas por mais de uma vez, na busca de uma visão geral dos diversos entendimentos. Inicialmente não há a busca de afirmações específicas, mas sim uma visão da ideia de compreensão de cada participante sobre o fenômeno (LAMB *et al.*, 2011). Ainda é sugerido por Bowden (2005), a técnica do “advogado do diabo”, essa técnica permite que outros pesquisadores possam testar as transcrições contra as categorias elencadas, salvaguardando a existência de algum viés possível. Com isso, é possível manter a confiabilidade dos dados, nesse caso trata-se de confiabilidade interpretativa e não de replicabilidade, como sugere Bowden (2000).

3 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Este estudo é uma pesquisa de natureza bibliográfica (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014), visto que está pautado em material já elaborado, especialmente livros, teses e dissertações e artigos científicos e com abordagem qualitativa. Entre o material encontrado na literatura foi possível ter acesso ao estudo realizado por Santos *et al.* (2018), que consiste em uma revisão sistemática de literatura realizada pelas autoras em maio de 2018. Para o referido estudo as autoras realizaram uma busca por teses e dissertações no portal da CAPES, com os *strings* de busca: fenomenografia, método fenomenográfico e estudo fenomenográfico, sem espaço temporal específico. Posteriormente Santos *et al.* (2018) realizaram a busca por artigos a partir da base Spell (ANPAD) e sequencialmente houve uma busca direcionada para os anais dos eventos científicos da ANPAD, sendo que os mesmos termos de busca foram mantidos. Após análise dos materiais sob critérios de exclusão pré-definidos, Santos *et al.* (2018) identificaram 26 trabalhos, sendo 04 teses, 11 dissertações e 11 artigos científicos, que estão descritos no Quadro 1.

Santos *et al.* (2018), destacaram uma provável relação entre os autores das teses, dissertações e artigos, sendo que o autor com maior número de trabalhos publicados foi Rubens de Araújo Amaro, que apresentou sua tese em 2012 e posteriormente publicou dois artigos em conjunto com sua orientadora, professora Janette Brunstein, em 2011 e 2012, respectivamente. Em seguida, destaca-se a autora Andrea Cherman, que defendeu sua tese em 2013, e publicou um artigo em 2015, em conjunto com sua orientadora Sandra Regina da Rocha-Pinto. Além disso, Santos *et al.* (2018) destacam a autora Bianca Snaiderman, que defendeu sua dissertação em 2010, também orientada por Sandra Regina Rocha-Pinto e juntas publicaram um artigo em 2011.

Na análise das teses e dissertações também foi observado por Santos *et al.* (2018) uma expressiva concentração dos mesmos pesquisadores. Assim, a autora Sandra Regina da Rocha-Pinto da PUC-RIO orientou a maioria dos trabalhos *stricto sensu*, sendo duas das quatro teses encontradas e oito das onze dissertações. Quanto a autora Janette Brunstein, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, orientou dois trabalhos, sendo uma tese e uma dissertação. Ainda essas duas orientadoras contribuíram com a maioria dos artigos publicados sobre o tema, e desse modo, a primeira aparece como autora em cinco deles e a segunda é identificada na autoria de quatro, dos onze artigos.

Quadro1: Estudos nacionais em torno da fenomenografia

TESES - 4 Estudos		
Ano	Autor	Título
2012	Rubens de Araujo Amaro	Concepções de empreender e o desenvolvimento da competência empreendedora: um estudo à luz da fenomenografia
2012	Ana Luiza Szuchmacher Verissimo Lopes	Autonomia no trabalho na perspectiva de um grupo de profissionais especializados: um estudo fenomenográfico
2013	Andrea Cherman	Valoração do conhecimento nas organizações: percepções dos indivíduos e impactos nas práticas organizacionais
2016	Sergio Carlos de Sousa Pereira	Suporte organizacional percebido na Marinha do Brasil: em busca do fogo sagrado.
DISSERTAÇÕES - 11 Estudos		
2010	Rafael Sabbagh Armony	Fatores críticos para a prática de valores ágeis em equipes de tecnologia da informação

2010	Bianca Snaiderman	A contribuição do <i>coaching</i> executivo para o aprendizado individual: a percepção dos executivos
2010	Philippe Deschamps Gonçalves Dias	A diversidade em equipes sob a ótica do gerente de projetos
2011	Gustavo Leonette de Moura Estevão	O novo papel de recursos humanos: o que é RH estratégico e qual é a sua contribuição para os negócios
2011	Silvia Bertossi Heidrich	Concepções de <i>fair play</i> e as competências dos gestores para um jogo limpo nas organizações: uma análise fenomenográfica
2011	Betânia Dumoulin dos Reis	A gestão de mudanças em organizações brasileiras de interesse público: uma perspectiva dos consultores
2012	Alexandre Spiguel Fernandes de Sant Anna	Aprendizagem no ciclo-de-vida de projetos em empresas públicas e organizações governamentais: a percepção dos gestores de projetos
2015	Samantha Luiza de Souza Broman	Como os gestores percebem a formação de competências coletivas em suas experiências com rotinas organizacionais
2016	Erick Cardoso da Silva Figueira	Compreendendo as rotinas organizacionais: percepção de consultores em suas experiências de campo
2016	Luciana Cabral Farias	Educação para sustentabilidade em Administração: uma análise das concepções de estudantes da UFPB
2017	Leandro Schoemer Jardim	A compreensão das competências nas rotinas de programação da produção
ARTIGOS CIENTÍFICOS - 11 Estudos		
2008	Jorge Alberto dos Santos	<i>Practice firms and networked learning matches and mismatches</i>
2011	Rubens de Araujo Amaro, Janette Brunstein	As contribuições da fenomenografia para o desenvolvimento da competência profissional nas organizações
2011	Sandra Regina da Rocha Pinto, Bianca Snaiderman	A contribuição do coaching executivo para o aprendizado individual: a percepção dos executivos
2011	Sandra Regina da Rocha Pinto, Gisele Rosenda Araujo Mello Del Carpio	Fatores críticos para a implantação do <i>balanced scorecard</i> : a visão de consultores organizacionais
2012	Rubens de Araujo Amaro, Janette Brunstein	Concepções de empreender e o desenvolvimento da competência empreendedora: um estudo à luz da fenomenografia
2012	Sandra Regina da Rocha Pinto, Paulo Roberto Maisonnave	Inovação e investimentos no setor elétrico brasileiro sob a ótica de gestores de P & D
2013	Rubens de Araújo Amaro, Janette Brunstein	Implicações das concepções de empreender para o desenvolvimento da competência empreendedora
2014	Rubens de Araújo Amaro, Janette Brunstein	As contribuições da fenomenografia para os estudos da competência profissional ¹
2015	Andrea Cherman, Sandra Regina da Rocha-Pinto	Fenomenografia e a valoração do conhecimento nas organizações: diálogo entre método e fenômeno
2015	Gabriela Tavares dos Santos, Anielson Barbosa da Silva	A fenomenografia como estratégia de pesquisa para a educação em Administração
2016	Andréa Cherman, Sandra Regina Rocha-Pinto	Fenomenografia e valoração do conhecimento nas organizações: diálogo entre método e fenômeno ²

Fonte: Adaptado de (SANTOS *et al.*, 2018)

Santos *et al.* (2018) chamam a atenção para este ponto, cujo cenário aponta para o número pouco expressivo de Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, assim como para pequena participação de autores e orientadores, o que para as autoras é um indicativo da polarização significativa de instituições e pesquisadores voltados para o uso da fenomenografia na produção de trabalhos no campo da Administração.

A busca foi atualizada na base de dados da Spell e foram identificados dois artigos a mais, além dos apontados por Santos *et al.* (2018).

1- Governança corporativa e fenomenografia: revisão de literatura e proposição de abordagem teórico-metodológica, de autoria de Carlos Frederico Trevia - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Leandro Schoemer Jardim - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Sandra Regina da Rocha-Pinto, publicado na revista Organizações em contexto, São Bernardo do Campo, ISSNe 1982-8756 • Vol. 16, n. 31, jan.-jun. 2020.

2- Qualidade em Fenomenografia nas Organizações, de autoria de Carlos Frederico Trevia; Samantha Luiza de Souza Broman; Leandro Schoemer Jardim; Sandra Regina da Rocha-Pinto; Maria Isabel Peixoto Guimarães, publicado na Revista ADM.MADE, Rio de Janeiro, ano 18, v.22, n.2, p.48-61, maio/agosto, 2018.

4 POTENCIALIDADES E DESAFIOS DO USO DA FENOMENOGRAFIA

O aspecto da problematização em uma pesquisa fenomenografia organizacional é particularmente relevante, sendo que um ponto central é que a pergunta de pesquisa seja adequada ao contexto, de modo que o fenômeno analisado seja possível de ser explicitado pelos entrevistados, assim como se deve assegurar que os entrevistados se reportem sempre a um mesmo fenômeno (TREVIA *et al.*, 2018).

O estudo fenomenográfico possibilita que o fenômeno seja visto por outros ângulos por meio de diferentes concepções, assim foi constatado por Amaro e Brunstein no estudo que realizaram em 2012 com o objetivo de mapear as concepções do empreendedor de um grupo de participantes de um programa de pré-incubação de negócios, para eles esse fator contribui para evidenciar determinados aspectos ausentes em outros estudos de campo.

Já Amaro e Brunstein (2014) focaram o estudo no campo da competência profissional, e apontam a possibilidade de ampliar o entendimento de competências no contexto organizacional, por meio da fenomenografia como alternativa metodológica de pesquisa para os estudos de competência profissional. No estudo fenomenográfico realizado por Sandberg (2000), para entender por que algumas pessoas são mais competentes do que outras, a competência passou a ser vista como uma única entidade, por meio da experiência oriunda do trabalho, ao invés de ser vista como representante de duas entidades separadas. Segundo Sandberg (2000), para desenvolver a competência de um indivíduo no trabalho é mais importante perceber as diferentes formas como o trabalho é entendido ou mesmo vivenciado, do que desmistificar um conjunto de peculiaridades ou requisitos necessários para sua realização. Nesse sentido, Amaro e Brunstein viram no estudo fenomenográfico, que traz uma natureza relacional e interpretativa, uma possibilidade para o estudo da competência profissional, pela sua capacidade de mapear a mentalidade que antecede, determina e explica a ação.

Cherman e Rocha-Pinto (2016) buscaram na pesquisa fenomenográfica explorar como os indivíduos percebem e significam os conhecimentos considerados de relevância, e que dessa forma são valorados no contexto do trabalho. A partir da análise da valorização do conhecimento por meio da percepção dos indivíduos, as autoras salientam a capacidade do método fenomenográfico em capturar a dinâmica de movimento bidirecional dos sujeitos ao experimentar o fenômeno; o *continuum* ininterrupto entre as concepções; a trajetória dinâmica e flexível dos indivíduos pelas concepções do fenômeno no tempo e espaço em

relação ao contexto. Entretanto, é possível identificar dificuldades ou mesmo desafios na aplicabilidade da fenomenografia como método de pesquisa, como por exemplo, o fato de o pesquisador ter que lidar com um volume extenso de informações, proveniente das transcrições de entrevistas em profundidade, como ressaltado por Cherman; Rocha-Pinto (2016):

Deve-se considerar a dificuldade de manejar simultaneamente todas as entrevistas para fazer emergir as concepções iniciais, ponderando o conteúdo da massa de dados contida em centenas de páginas de transcrição. Esse aspecto é relevante também, pois somente após o pensamento sintético ter dado origem às categorias que se inter-relacionam, os dados são tratados por partes, ou seja, as entrevistas são desmembradas de modo analítico. Esse processo pode trazer desafios ao pesquisador qualitativo acostumado ao pensamento analítico, que vai aos detalhes dos dados para fazer emergir a síntese (p. 632).

Alguns aspectos desfavoráveis sobre o método são pontuados por Bowden (2000), como a crítica em torno da dificuldade de validação, a ausência de poder na previsão, aos vieses que podem ocorrer por parte dos pesquisadores e a omissão da voz do indivíduo, tendo em vista a categorização do fenômeno, que ocorre de forma conjunta.

Para Amaro e Brunstein (2014), a fase de análise de dados implica em um momento delicado para o pesquisador, pois consiste em um processo tedioso, demorado, intensivo e interativo, além de ser um método pouco explorado, com isso o suporte literário ainda é escasso, principalmente entre autores nacionais.

Para Santos *et al.* (2018), o principal desafio evidenciado em estudos fenomenográficos, diz respeito a aplicabilidade da fenomenografia, ou seja, antes de usar o método em si, há necessidade de um entendimento, visto que se trata de uma metodologia, ainda pouco explorada. Nesse sentido o esforço direcionado pelos autores para caracterizar a fenomenografia como método de pesquisa aplicável a um fenômeno selecionado para estudo, deve inicialmente partir da tentativa de compreensão da relação entre o sujeito e o fenômeno e a maneira que o método possibilita o diálogo entre ambos.

Todavia, o método da fenomenografia pode ser associado a outras abordagens de pesquisa, até mesmo para além do campo da educação, onde teve seus primórdios (BOWDEN, 2000; MARTON, 1981; SANTOS *et al.*, 2018). Entre os demais campos que fazem uso da fenomenografia, destaca-se a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia e a Saúde, e mesmo se tratando um método pouco usado em estudos organizacionais, contudo pode ter sua importância, em especial, por possibilitar a revelação de fenômenos complexos e pouco explorados pelos sujeitos que os percebem, experenciam e interpretam em suas práticas organizacionais (SANTOS *et al.*, 2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo principal discutir o método fenomenográfico enquanto um recurso metodológico, apontando conceitos, principais elementos, operacionalização e potencialidades do método. Para isso foi realizada uma pesquisa bibliográfica, o que entre vários materiais encontrados, possibilitou acessar a revisão sistemática de literatura das autoras Santos *et al.* (2018), que serviu como um direcionar para a construção de um ensaio teórico que trouxe aspectos importantes para o desenvolvimento de um estudo fenomenográfico, como os conceitos, a possibilidade de uso em pesquisas qualitativas, além da operacionalização do método, os desafios e a aplicabilidade do uso fenomenografia.

Considera-se que o uso da fenomenografia na pesquisa qualitativa é vista como não positivista, visto que alude a subjetividade por meio de experiências, com uma ontologia relacional, assim a prioridade passa a ser a relação entre os sujeitos e o fenômeno e não o

fenômeno em si. Contudo, evidencia-se neste estudo que o método fenomenográfico ainda é pouco explorado entre pesquisadores nacionais e carece de maiores discussões e esclarecimentos que o torne mais acessível entre pesquisadores. Por isso, pareceu ser pertinente disseminar, mesmo que ainda de forma resumida os passos importantes nesse tipo de pesquisa, como a seleção dos sujeitos, a coleta e a análise dos dados, para que o pesquisador tenha uma visão da construção de um estudo fenomenográfico.

Relativamente ao uso da fenomenografia em pesquisas qualitativas que para além do planejamento e da gestão do método, há a necessidade que o pesquisador tenha de forma clara o problema de pesquisa e que este esteja coerente ao método, como também tenha o cuidado na escolha dos sujeitos, considerando uma amostra não tão ampla, porém intencional que traga variedade ao conjunto. Quanto à coleta e análise de dados, é indicado observar as peculiaridades dessas etapas, que por sua vez diferenciam um estudo fenomenográfico dos demais estudos qualitativos. Foi possível verificar que na maioria dos estudos consultados buscaram assegurar a confiabilidade e validade dos resultados, fortalecendo o compromisso do método com o resultado, porém também foi reconhecido como um processo ainda desafiador para os pesquisadores, que carecem de mais estudos publicados que sirvam como alicerces para apoiá-los em suas pesquisas.

Nesse contexto, constatou-se a existência de um espaço a ser ocupado nos estudos organizacionais, visto que ainda são escassas pesquisas fenomenográficas que explorem esse método, porém em se tratando de um método que revela as concepções dos sujeitos relativamente a um fenômeno por meio de suas vivências, entende-se que no contexto das organizações a fenomenografia pode ser oportuna para revelar aspectos ainda ocultos nesse ambiente, como também desenvolver indivíduos a partir das concepções por eles reveladas, como pode-se verificar em estudos retratados nesta pesquisa.

Diante destas evidências, entende-se que esse estudo foi mais um contributo no sentido do esclarecimento sobre o uso da fenomenografia em pesquisas qualitativas, porém percebe-se a necessidade de mais estudos que desvendem as limitações ainda verificadas na aplicação dessa metodologia, no sentido de incentivar mais pesquisadores a desenvolver suas pesquisas pautados em estudos fenomenográficos, visto que existe potencial para a expansão do seu uso, principalmente no contexto organizacional.

REFERÊNCIAS

AMARO, R. de A. **Concepções de empreender e o desenvolvimento da competência empreendedora: um estudo à luz da fenomenografia**. Tese (Doutorado) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2012.

AMARO, R. A. Concepções de trabalho e desenvolvimento da competência profissional: estudo fenomenográfico com agentes locais de inovação do SEBRAE. **Organizações & Sociedade**, v. 27, n. 92, p.15-34, 2020.

AMARO, R.A.; BRUNSTEIN, J. Implicações das concepções de empreender para o desenvolvimento da competência empreendedora. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 12, n. 4, p. 9-29, 2013.

AMARO, R. A.; BRUNSTEIN, J. As contribuições da fenomenografia para os estudos da competência profissional. **Revista Eletrônica Alcance**, v. 21, n. 4, 2014

BOWDEN, J. The nature of phenomenographic research. *In*: BOWDEN, J. WALSH, E. **Qualitative research methods: Phenomenography**. Austrália: RMI Publishing, 2000.

BOWDEN, J. Reflections on the phenomenographic team research process. *In*: BOWDEN, J.; GREEN, P. **Doing developmental phenomenography** Melbourne: PMIT Publishing, 2005.

CHERMAN, A.; ROCHA-PINTO, S. R. Fenomenografia e Valoração do Conhecimento nas Organizações: Diálogo entre Método e Fenômeno. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 20, n. 5, p. 630–650, 2016.

GREEN, P.A. Rigorous journey into phenomenography: From a naturalistic inquirer standpoint. *In*: BOWDEN, J.; GREEN, P. **Doing developmental phenomenography** Melbourne: PMIT Publishing, 2005.

INGLAT, L. P. S.; VILLARDI, B. Q. Refletindo Sobre a Fenomenografia na Prática de Pesquisa Qualitativa em Organizações: Pesquisador Reflexivo e Reflexão Pública. **Revista ADM.MADE**, Rio de Janeiro, ano 18, v.22, n.2, p.62-79, maio/agosto, 2018.

LAMB, P.; SANDBERG, J.; LIESCH, P. W. Revelada a internacionalização de pequenas empresas através da fenomenografia. **Journal of International Business Studies**, v.42, n.5, p. 672-693, 2011.

MARTON, F. Phenomenography: describing conceptions of the world around us, **Instructional Science**, v. 10, p. 177-200, 1981.

PANG, M. F. Two Faces of Variation: On continuity in the phenomenographic movement, Scandinavian. **Journal of Educational Research**, v. 47, n. 2, p. 145-156, 2003.

ROCHA-PINTO, S. R.; SNAIDERMAN, B. A Contribuição do coaching executivo para o aprendizado individual: a percepção dos executivos. *In*: Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalhos da ANPAD - EnGPR, 2011, João Pessoa. **Anais [...]** EnGPR, 2011.

SANDBERG, J. Understanding human competence at work: an interpretative approach. **The Academy of Management Journal**, v. 43, n.1, p. 9-25, 2000.

SANTOS, L. S.; LEAL, G. F.; ALPERSTEDT, G. D.; FEUERSCHÜTTE, S. G. O método fenomenográfico na pesquisa científica em Administração no Brasil: análise e discussão sobre seu uso. **Revista de Ciências da Administração**, v. 20, n. 50, p. 129-146, 2018.

TREVIA, C. F.; BROMAN, S. L. S.; JARDIM, L. S.; ROCHA-PINTO, S. R.; GUIMARÃES, M. I. P. Qualidade em Fenomenografia nas Organizações. **Revista ADM.MADE**, Rio de Janeiro, ano 18, v.22, n.2, p.48-61, 2018.

TREVIA, C. F.; JARDIM, L. S.; ROCHA-PINTO, S. R.; GUIMARÃES, M. I. P. Governança corporativa e fenomenografia: revisão de literatura e proposição de abordagem teórico-metodológica. **Revista Organizações em contexto**, São Bernardo do Campo, v. 16, n. 31, jan./jun. 2020.

VOSGERAU, D. S. A. R.; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, jan./abr. 2014.